

Os Livros de Horas da Real Biblioteca Portuguesa

Prof.^a Mestranda Maria Izabel Escano (UFRJ)

O Livro de Horas pode ser considerado o livro mais popular do período conhecido como Baixa Idade Média. Foi o tipo de livro mais produzido entre os séculos XIII e XVI, mais até mesmo que a Bíblia¹, e os que sobreviveram em maior número até os nossos dias. O período áureo de produção destes livros é entre os séculos XIV e XV. Embora o primeiro Livro de Horas de que se tem notícia seja do século XIII foi somente nos dois séculos seguintes que sua produção se expandiu e se consolidou na Europa. Eram muito comuns como presente de núpcias entre noivos. Podiam ser também utilizados para a alfabetização de crianças. Eram símbolos de status, e bens considerados preciosos, a ponto de figurarem em testamentos.

É dentro de uma lógica da humanização do divino² e da devoção privada que podemos situar a emergência do Livro de Horas. Como livros de orações feitos para leitura e meditação individuais dos leigos, eles se constituem elemento importante de uma nova relação com o mundo divino, mais personalizada.

Como instrumento de devoção e elemento da alta cultura visual, o Livro de Horas traduz, também, o fenômeno da expansão do culto à Virgem Maria que ocorre a partir do século XII. A função de Maria é dupla: ela é o caminho através do qual o Salvador chegou à humanidade, e a mulher por meio de quem os fiéis elevam-se a Ele, por quem tem-se acesso a Ele. Ela é a intercessora inabalável entre Cristo e a humanidade, invocada na hora da morte por ter sido também humana e ter alcançado a glória.³ Seu papel central na Cristandade, portanto, justifica a criação do principal texto em um Livro de horas: o Pequeno Ofício da Virgem Maria, uma série de orações confeccionadas em sua honra, que contém textos específicos que devem ser lidos em cada hora canônica⁴, cujo tema principal são os eventos mais importantes de sua vida, ligadas a seu papel como mãe do Salvador. No século XIII, este Ofício se desloca dos breviários⁵ para fazer parte do Livro de horas.

¹ WIECK, Roger S. **Painted Prayers: The Book of Hours in medieval and Renaissance Art**. New York: The Pierpont Morgan Library, 1997.

² SCHMITT, J.C. **O Corpo das Imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média**. São Paulo: EDUSC, 2007.

³ PELIKAN, J. **Maria através dos séculos: seu papel na história da cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁴ “Ofício divino que, junto com a missa, organiza as orações cotidianas dos religiosos – monges, ordens mendicantes, clero regular – e que desde o século VIII se compõe de oito horas canônicas. As matinas, recitadas durante a noite, são o ofício mais importante onde, além de salmos e hinos, as leituras são retiradas da Bíblia e alternadas por versos (respostas). As laudes (ao anoitecer) e as vésperas (à noite) se constituem de salmos, hinos e curtas leituras (capítulos). As primas, as tércias, as sextas, as nonas (divididas ao longo do dia), e as completas (recitadas após as vésperas), são mais curtas.” GAUVARD, Claude; LIBERA, Alain de; ZINK, Michel. **Dictionnaire du Moyen Âge**. Paris: PUF, 2002. (Tradução da autora).

⁵ São os livros que reúnem as orações, cantos e leituras necessários ao ofício divino, organizando as orações

Podemos, assim, definí-los como livros de orações que continham salmos, ofícios, litanias e sufrágios, que deveriam ser lidos (ou recitados) nas oito horas canônicas do dia: matinas, laudes, primas, tércias, sextas, nonas, vésperas e completas. São feitos para leitura e meditação individuais dos leigos.⁶

Por ser um livro devocional, os Livros de Horas continham muitos traços das crenças e costumes populares, uma vez que não eram livros oficiais da Igreja, e seu conteúdo era ditado principalmente pela vontade de seus proprietários. Dentre os textos mais comuns estão o Calendário, o Pequeno Ofício da Virgem, o Ofício do Espírito Santo, o Ofício da Santa Cruz, os Salmos Penitenciais, a Lítania e o Ofício dos Mortos. Também podem aparecer as Passagens dos Evangelhos, duas orações à Virgem *O Intemerata* e *Obsecro te*, Sufrágios dos Santos, Passagens da Paixão de Cristo segundo João, Ofício das Chagas de Cristo, o cântico *Stabat Mater*, entre outros.

Dos Ofícios do Livro de horas, o da Virgem é o maior e mais completo, com leituras, respostas, antifonas, salmos, versículos, hinos e orações para cada uma das oito horas canônicas, cujo grande tema é a Encarnação de Cristo, segundo a cronologia de sua vida. Os Ofícios da Cruz e do Espírito Santo são mais curtos, não possuem a hora de laudes e nem salmos em suas horas canônicas. Eles versam sobre a sequência da Paixão de Cristo e os atributos do Espírito Santo, respectivamente.

O Ofício dos Mortos também é um ofício curto, e tem uma origem curiosa. Seus textos são exatamente os mesmos contidos nos breviários e antifonários de padres e monges. Sua leitura não fazia parte do ofício diário do clero, porém fará parte do ofício diário dos leigos, pois lê-lo era considerada a maneira mais eficaz de reduzir o tempo da alma no purgatório e fazê-la ascender aos céus. E, para que isso ocorresse, era necessário, além da leitura daquele que antecipava sua própria morte, a leitura dos outros vivos. Por isso, o ofício dos mortos era lido em casa e durante o funeral. Tudo isso motivado pelo medo da morte súbita e do juízo final, num contexto de guerras e devastação causada pela epidemia de peste.

Além dos ofícios, outros textos se apresentam em sequência variável nos livros. As litanias são uma espécie de ladainha aos santos, que iniciam com *Kyrie eleison*⁷ e seguem invocando a Santíssima Trindade, a Virgem, os anjos, apóstolos, mártires, confessores, mártires mulheres e santos, numa hierarquia celeste. Têm a função de invocar a misericórdia divina e implorar pelo perdão dos pecados. Também os Salmos Penitenciais cumpriam esta função. Eles são sete, e eram recitados para evitar a tentação dos sete pecados capitais, e também para pedir perdão.

Há ainda o calendário, primeira parte do livro. Ele é um calendário litúrgico, que auxilia o fiel a se localizar no tempo, e serve como um guia do tempo sacro. Nele, estão informações sobre o ciclo lunar, identificações dos dias da semana e, parte mais importante, os dias dos

cotidianas dos religiosos – monges, ordens mendicantes, clero regular –, que se compõem de oito horas canônicas, de acordo com o ideal da vida contemplativa.

⁶ HAMEL, Christopher. **Book of Hours**. The Oxford Art Online, acessado em 19/10/2009.

⁷ “Senhor tende piedade”, é originário do salmo penitencial 51.

santos, festas e períodos litúrgicos. Podem ser usados todos os anos, e são fundamentais para a identificação da proveniência e do período do livro.

Já os Sufrágios são orações específicas para cada santo, também segundo uma hierarquia, bastante parecida com a da litania. As passagens dos Evangelhos são pequenas partes extraídas dos evangelhos de João, Lucas, Mateus e Marcos, apresentados na ordem biográfica da vida do Cristo, que correspondem às leituras feitas nas principais celebrações do ano: Natal, Anunciação, Epifania e Ascensão.

A leitura destes livros não varia muito, uma vez que os textos dos ofícios são praticamente os mesmos para todo o ano, com pequenas variações para o tempo litúrgico do Advento e da Páscoa. O que varia é o Uso: conjunto de versos, respostas, antífonas e capítulos que, intercalados no texto do Ofício da Virgem – tais indícios estão presentes somente neste ofício⁸ - variam de acordo com o costume local de determinadas dioceses⁹.

Por causa destas variações, podem auxiliar na identificação da origem do manuscrito. Outros elementos que também auxiliam na identificação são o calendário, onde os santos escritos em vermelho ou dourado representam os mais importantes da diocese para onde o livro foi confeccionado, os sufrágios dos santos, pelo mesmo motivo, além da análise de sua decoração e caligrafia. Através destes indícios é possível determinar, aproximadamente, a data de confecção do livro e o provável local.

Os textos dos livros de horas aparecem geralmente em latim. Sabemos que esta língua não era utilizada corriqueiramente pelas populações europeias neste período, e predominava nos espaços religiosos. Também sabemos que o analfabetismo era comum mesmo dentre as camadas mais altas da população. Assim sendo, podemos perguntar: como se lia um livro de horas?

Talvez o termo correto não seja leitura, pelo menos não no sentido moderno de um processo cognitivo de associação de letras e sons a significados específicos. O historiador Jean Leclercq descreve a leitura de textos religiosos no período como um processo ativo, de “escutar as vozes da página” com os olhos, ouvidos e lábios¹⁰. As pessoas liam devagar e cuidadosamente, ruminando cada palavra, murmurando, tanto em casa quanto na missa – evidências mostram que os Livros de horas eram utilizados também por seus donos nas missas dominicais. O conteúdo das orações contidas neste livro era familiar aos leigos, e algumas mesmo eram decoradas por eles.

Apesar destas afirmações, há efetivamente poucas evidências que nos permitam concluir como os fiéis liam estes livros. As pessoas tinham todas as orações memorizadas? Observavam as iluminuras somente, e a partir daí conseguiam elevar o espírito e assim orar? Estes livros

⁸ HAMEL, Christopher. **A History of Illuminated Manuscripts**. Londres: Phaidon Press, 2006, p. 164 e 165.

⁹ Os mais usados são o de Roma (maior parte dos livros), Paris (livros franceses), Rouen, *Sarum de Salisbury* (livros ingleses ou feitos para clientes ingleses), Besançon, Poitiers e *Utrecht* (livros flamencos).

¹⁰ Apud WIECK, Roger S. **Time Sanctified: the book of hours in medieval art and life**. New York: George Braziller Inc, 2001.

eram realmente utilizados por seus proprietários ou ficavam apenas expostos, como objetos de devoção e de ostentação e luxo? São perguntas que ainda não estamos aptos a responder.

A iluminação dos Livros de Horas

Uma parte muito importante do livro de horas era sua iluminação. Cabe, aqui, ressaltar a importância do conceito de iluminura: cunhado pelo escritor italiano Dante Alighieri (1265-1321), a palavra tem origem no latim, *illuminare*, que significa iluminar, trazer à luz¹¹. Refere-se tanto ao sentido de esclarecer, dar significado a alguma coisa antes sem sentido – no caso os textos dos livros medievais – como também ao material utilizado na confecção destas imagens: a folha de ouro. Portanto, chamamos de iluminuras estas imagens contidas principalmente em livros manuscritos, que têm a função de auxiliar na leitura do texto, e que se utiliza da folha de ouro em sua confecção, refletindo a luz do ambiente, e assim *iluminando* visualmente o texto.

Sabemos que as iluminuras faziam parte da leitura dos Livros de Horas, cumprindo duas funções principais, embora não únicas: posto que figuravam geralmente no início de cada ofício – ou de cada hora canônica, como no Ofício da Virgem – serviam, na prática, como marcadores de páginas, indicando as divisões do livro. Mas, principalmente, cumpriam uma função epifânica, de mediação entre o fiel e o santo ali representado: elas deveriam provocar emoção, aproximar a realidade sagrada e a realidade do leitor, levando-o a meditar sobre os temas da vida da Virgem e do Cristo.

Tal função epifânica deve estar aliada à memória, já que a pintura, bem como a escrita, deve induzir à recordação. “Trazer de volta à memória” é, primeiramente, a tarefa das Escrituras, com a imagem representando apenas um papel auxiliar. Imagem e Escritura, juntas, recordam o que aconteceu na história da salvação, que é mais do que um fato histórico.¹² A memória textual, aliada à memória visual, permitirão a correta identificação das imagens pelos fiéis, e a plena realização de suas funções.

A imagem, portanto, reflete o texto a que faz referência, mas seus significados estão além dele, e é através da relação entre esta imagem, seu suporte, o objeto onde está localizada, o texto que a acompanha, a memória textual e visual do fiel que poderemos assimilá-la corretamente.

Queremos destacar, também, o valor material dessas iluminuras. Embora não possamos falar de Arte no século XIII, podemos falar em cultura visual e em concepções estéticas. Estas miniaturas agregam valor aos livros de horas por utilizarem materiais raros como folhas de ouro, e os tornam objetos artísticos, que conferem status a seus proprietários.

Cada parte do livro tem uma decoração característica. Nos calendários, aparecia geralmente a iconografia dos trabalhos do mês, que mostrava as atividades típicas para cada mês do ano, e os signos do zodíaco. Se juntarmos esta iconografia, que representa o tempo cotidiano, com a iconografia do zodíaco, que retrata o tempo astrológico, e as festas e dias de

¹¹ DANTE, apud. WALTHER, I. WOLF, N. **Codices Ilustres: los manuscritos iluminados más bellos del mundo desde 400 hasta 1600**. Madrid: Taschen, 2005, p.11.

¹² BELTING, H. **Semelhança e Presença – A história da imagem antes da era da arte**. Rio de Janeiro: Ars Urbe, 2010, p.11.

santos, que formam o tempo litúrgico, teremos uma idéia da concepção de tempo medieval: um tempo complexo e multifacetado, onde as várias dimensões se sobrepõem para criar uma só.

No Ofício da Virgem, geralmente aparecia o ciclo dos eventos mais importantes de sua vida, na ordem cronológica, que têm correspondência com os temas das orações de cada hora canônica. Assim, nas matinas aparecia a Anunciação, nas laudes a Visitação, nas primas a Natividade, nas tércias o Anúncio aos pastores, nas sextas a Adoração dos magos, nas nonas a Apresentação no templo, nas vésperas a Fuga para o Egito e nas completas a Coroação da Virgem. É importante salientar que todos esses eventos eram celebrados em festas litúrgicas, e figuram em calendários eclesiásticos e também dos livros de horas. Há também outro ciclo iconográfico, o da Paixão de Cristo, que se inicia com a Agonia no Horto e termina com o Sepultamento, e que é mais comum nas Horas segundo Uso de Salisbury e Países Baixos.

Já no Ofício da Cruz e do Espírito Santo só aparecia uma iluminura, no início de cada ofício: a Crucificação e o Pentecostes, respectivamente. No Ofício dos Mortos, há algumas cenas possíveis: o Juízo Final, mais comum nos manuscritos antigos, cenas do sepultamento ou vigília do morto, mais comuns em livros dos séculos XIV e XV, e representações da Ressurreição de Lázaro ou da vida de Jó, mais comuns em livros do século XV e XVI.

Para os Salmos Penitências é comum, no início, uma representação do Rei Davi - considerado o autor dos 150 salmos - em penitência, geralmente ajoelhado perante Deus, que aparece no meio de nuvens. Em livros do século XV é comum a cena de Davi observando o banho de Bethsabé. Para cristãos, Davi é o modelo do rei penitente, e do pecador arrependido. E, como penitência para a expiação de seus pecados, teria composto os salmos penitenciais.

Os Sufrágios podem apresentar representações dos santos de cada oração, sempre com seus atributos, e numa cena típica e conhecida de sua vida, para possibilitar a identificação pelo fiel. Já nas Passagens dos Evangelhos, apareciam representações dos quatro evangelistas, juntos no início desta parte, ou cada um na frente de sua respectiva passagem.

Para as orações *Obsecro te* e *O Intemerata*, poderia aparecer uma imagem da *Pietà*, ou da Virgem com o Menino. Como estas miniaturas geralmente aparecem no início de cada Ofício ou Sufrágio, elas também servem como marcadores de páginas, indicando assim quando termina e quando começa um novo conjunto de orações, ajudando o fiel em sua devoção.

As margens destes manuscritos também são extremamente interessantes. Algumas contêm apenas motivos geométricos, florais, e zoomórficos. Em outras, figuras jocosas e grotescas, como pequenos macacos podem aparecer, dando um tom profano, divertido ao folio. Em outros, ainda, pequenas representações – vinhetas, medalhões, etc - cumprem também uma função narrativa.¹³

Os Livros de Horas eram, também, artefatos caros, e por isso cumpriam uma função social, pois eram objetos de status para seus proprietários. No entanto, alguns autores, como

¹³ Para mais informações acerca das margens dos manuscritos, ver CAMILLE, M. *Image on the Edge: The Margins of Medieval Art*. Londres: Reaktion Books, 1992.

por exemplo Roger Wieck,¹⁴ afirmam que eram livros populares, e que eram a única forma de arte que cidadãos das camadas médias poderiam possuir.

Isto explica a variedade na produção destes livros, desde ricamente iluminados até simples códices sem iluminuras. Esta variação também se reflete na coleção de livros de horas da Real Biblioteca Portuguesa: embora todos contenham iluminuras, sua quantidade e sua qualidade variam.

A Coleção de Livros de Horas da Real Biblioteca Portuguesa

Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro há cerca de uma dezena de Livros de Horas manuscritos, e dois impressos no setor de obras raras. Quatro dos manuscritos são provenientes da Real Biblioteca Portuguesa que veio para o Brasil com a transferência da Corte. Eles são ricamente iluminados, e infelizmente não contam com muitos estudos que atestem seu local de origem e sua datação. São eles o 50,1,1; 50,1,16; 50,1,19 e 50,1,22 todos com carimbo da Real Biblioteca Portuguesa, e localizados hoje na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Sobre ela, pouca bibliografia foi produzida: um estudo, datado de 1973 e feito pelo frei Damião Berge, “Livros de horas manuscritos iluminados da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro”¹⁵, do qual se originou um artigo, publicado em uma revista¹⁶; uma pesquisa, conduzida pela professora da UFF, Dra.Vânia Fróes, que analisa o livro 50,1,1¹⁷, e um “Catálogo de Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Brasil”, feito pela chefe da seção de manuscritos da BN, Ms.Vera Lúcia Miranda Faillace¹⁸. Todas estas pesquisas nos ajudam a compreender melhor a coleção, embora não se constituam em estudos aprofundados sobre ela.

O livro de horas 50,1,1 pode ser considerado a jóia da coleção. É um livro singular, tanto por seu conteúdo, quanto por sua iluminação. Ele é todo escrito em latim, possui 200 folios, 32 miniaturas de página inteira e 13 outras intercaladas no texto. Seus caracteres são góticos, e faltam-lhe dois folios, o 22 e o 23. Segundo James Marrow, ele é proveniente de Bruges, e data de *circa* 1460¹⁹, segundo o Uso de *Sarum de Salisbury*.

Neste livro, aparecem dois ciclos iconográficos no Pequeno Ofício da Virgem Maria: da Infância e da Paixão de Cristo, respectivamente no recto e no verso do folio inicial de cada hora canônica. Tal configuração é rara para livros de horas, e conhecemos somente outro livro com

¹⁴ WIECK, Roger S. *op. cit.*

¹⁵ BERGE, Damião. **Livros de Horas manuscritos iluminados da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. [Rio de Janeiro, 1973?]. [609] f. Original. Dat. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, seção de manuscritos (23,2,12).

¹⁶ BERGE, Damião. Um livro de horas do século XIV na Biblioteca Nacional. **Revista Verbum**, Rio de Janeiro, Tomo II, n.1, p. 49-99, mar. 1945.

¹⁷ FRÓES, Vânia Leite. O livro de horas dito de D. Fernando – maravilha para ver e rezar. *In. Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, Vol. 129, 2011.

¹⁸ FAILLACE, Vera Lúcia Miranda. **Catálogo dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil**. 2009. 99p. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas – CPDOC, Rio de Janeiro. 2009, p. 29.

¹⁹ James Marrow é professor emérito da Princeton University, especialista em pintura nórdica, e esteve no Rio de Janeiro em 2003 estudando este códice na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional. Seu parecer está numa carta à coordenadora do Acervo Especial da Biblioteca Nacional, Georgina Staneck, de 2004.

a mesma formação: o livro de horas de Jeanne D'Evreux²⁰. Assim, as matinas apresentam Cristo no Horto das Oliveiras e a Anunciação; nas laudes a Traição de Judas e a Visitação; nas primas Cristo diante Pilatos e a Natividade; nas tercias a Flagelação de Cristo e o Anúncio aos Pastores; nas sextas o Caminho para o Calvário e a Epifania; nas nonas a Crucificação e a Circuncisão; nas vésperas a Deposição da Cruz e o Massacre dos Inocentes; e nas completas o Sepultamento de Cristo e a Fuga para o Egito.

No folio 1v, há uma iluminura de página inteira do martírio de São Sebastião, onde aparece o brasão de Portugal, o que comprova que o livro foi apropriado como sendo da família real. Em seu calendário aparecem, em cada mês, vinhetas com a iconografia dos trabalhos do mês. Além disso, outras 31 iluminuras de página inteira e 33 iluminuras menores pontuam todo o livro.

O livro 50, 1, 16, segundo o costume de Paris, apresenta texto em francês e latim, 160 folios. Consta do Catálogo de Manuscritos²¹ que sua datação é do século XV. Nas Horas da Virgem, figuram uma Anunciação, com três vinhetas com passagens da infância da Virgem nas margens, Visitação, Natividade, Anúncio aos Pastores, Fuga para o Egito e Coroação da Virgem. Há ainda outras 12 miniaturas de página inteira, e cinco vinhetas, além das margens.

O livro 50, 1, 19, segundo o costume de Rouen, também tem texto em francês e latim e 158 folios. Possui 12 miniaturas de página inteira. Tanto em termos de conteúdo quanto em termos de iluminação, este é o livro mais completo da coleção, embora esteja bastante desgastado, principalmente o azul e o dourado, o que sugere a utilização de alguma substância diferente, pouco resistente ao tempo.

Já o livro 50, 1, 22 possui o *super libris*²² do marquês de Pombal, cuja data de confecção também é o século XV.²³ Seu Uso é segundo Rouen, com texto em francês e latim, 132 folios e 8 miniaturas de página inteira. Nas três folhas de guarda iniciais foram aplicadas seda verde, e a segunda serve de fundo a um pergaminho rendilhado, onde está pintado um medalhão representando Nossa Senhora do Rosário, com uma inscrição *Regina S. S. Rosary*, provavelmente uma adição posterior ao manuscrito. Ao fim do livro, há uma *Pietà*, onde aparece uma mulher em oração diante da Virgem com o Cristo, e um borrão dourado, sugerindo algo escrito que foi apagado. Esta mulher poderia ser uma antiga proprietária do livro, reforçando a hipótese da aquisição pós-terremoto pela Real Biblioteca Portuguesa.

Conclusão

Podemos perceber, após apresentar as características de cada livro, que trata-se de uma coleção bastante rica, e relativamente homogênea. O destaque da coleção é sem dúvida o livro 50,1,1, tanto por seu conteúdo singular – contém ofícios incomuns para un Livro de

²⁰ Jean Pucelle. Horas de Jeanne D'Evreux, França, c. 1324. Nova York: *The Metropolitan Museum of Art, The Cloisters* (Acc. 54 1.2)

²¹ FAILLACE, Vera Lúcia Miranda. *Op. cit.*, p. 61

²² Marca de propriedade de um livro gravada na encadernação da obra.

²³ FAILLACE, Vera Lúcia Miranda. *Op. cit.*, p. 72.

horas, como aqueles em homenagem a São Beda e São Jerônimo – quanto por sua exuberante iluminação. Sua proveniência flamenca, bem como seu uso inglês, também se diferenciam do resto da coleção.

Sobre a Coleção em geral, mais especificamente em relação à datação, alguns indícios iconográficos podem sugerir que estes livros de horas foram confeccionados no século XV, e é esta data que consta no Catálogo de Manuscritos²⁴ para todas as obras. Sobre seu local de confecção, excetuando-se o livro 50,1,1, podemos sugerir a França, mais especificamente Paris, para o que apontam seus Usos litúrgicos. Contudo, mais pesquisas com tais fontes precisam ser feitas para que se possa chegar a um parecer definitivo sobre a datação e a procedência destes manuscritos.

Assim, concluímos reafirmando o valor histórico e artístico dos livros de horas da Real Biblioteca Portuguesa. Como instrumentos de devoção, eles são elementos importantes da nova relação, mais particularizada, entre os fiéis e o mundo divino, e também da expansão do culto à Virgem Maria ocorrida no século XII. Como elementos da alta cultura visual, eles ajudam a elucidar algumas das práticas de devoção do laicado na Baixa Idade Média, além de serem importantes fontes para a história do livro ilustrado e a história da arte.

²⁴ FAILLACE, Vera Lúcia Miranda. *Op. cit.*